

Museu de Arqueologia e Etnologia

ARQUEOLOGIA DOS POVOS JÊ NO SUL E SUDESTE DO BRASIL

SIMPÓSIO



Índia Jê
em uma aldeia do sul

09 a 11 de setembro de 2014



Índia
do sul do Brasil



Caderno de Resumos

Universidade de São Paulo
Reitor Marco Antonio Zago Vice-Reitor Vahan Agopyan

Museu de Arqueologia e Etnologia

Diretora

Maria Cristina Oliveira Bruno

Vice-Diretor

Paulo DeBlasis

Comissão Organizadora

Coordenação Marisa Coutinho Afonso / Fabíola Andréa Silva

Dária Elânia Fernandes Barreto

Davi Comenale Garcia

Denise Dal Pino

Glauco Constantino Perez

José Paulo Jacob

Mariana Alves Pereira Cristante

Meliam Viganó Gaspar

Renan Pezzi Rasteiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

USP, Universidade de São Paulo

Caderno de Resumos - Simpósio: Arqueologia dos Povos Jê no Sul e Sudeste do Brasil / Museu de Arqueologia e Etnologia – São Paulo, SP, 2014.

48p. : 21 cm

1. Povos Jê 2. Arqueologia I. Título

CDD - 390

Proibida a reprodução total ou parcial, sejam quais forem os meios ou sistemas, sem prévia autorização dos autores.

2014

SIMPÓSIO

ARQUEOLOGIA DOS POVOS JÊ NO SUL E SUDESTE DO BRASIL

A construção da história de longa duração dos povos Jê que ocuparam territórios circunscritos ao que hoje se define como os estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo e Minas Gerais pressupõe uma pesquisa interdisciplinar. Como já vem sendo demonstrado por vários pesquisadores são bastante evidentes as relações que podem ser estabelecidas entre o passado arqueológico, o passado histórico e o presente etnográfico desses povos, no sul e sudeste do Brasil. Esta constatação incentiva o desenvolvimento de pesquisas que procuram identificar as relações de continuidade e transformação cultural destes povos, bem como a sua distribuição geográfica e as suas relações com outros povos ao longo do tempo.

No Simpósio pretendemos debater sobre as possibilidades e os resultados desta pesquisa interdisciplinar neste novo cenário da Arqueologia mundial em que os povos indígenas, cada vez mais, têm se colocado como agentes na construção de suas histórias culturais.

O Simpósio está sendo promovido pelo Laboratório de Estudos Interdisciplinares sobre Tecnologia e Território (LINTT) e pelo Laboratório de Arqueologia da Paisagem e Geoarqueologia (LAPGEO) do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, com coordenação das Profas. Dras. Marisa Coutinho Afonso (LAPGEO) e Fabíola Andréa Silva (LINTT), de 9 a 11 de setembro de 2014, no Auditório Prof. Plínio Soares Moreira do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo.

O Simpósio está estruturado com a apresentação de 11 palestras e 20 comunicações orais. Agradecemos aos palestrantes e apresentadores das comunicações pelo interesse e participação, ao Museu de Arqueologia e Etnologia da USP pelos fundamentais apoios institucionais e financeiros, ao Instituto Oceanográfico da USP pelo uso do seu Auditório e ao Prof. Paulo DeBlasis (coordenador do Laboratório de Arqueologia Regional - LAR, MAE/USP) pelo apoio. Agradecimentos especiais à Comissão Organizadora, que coordenamos: Dária Elânia Fernandes Barreto, Davi Comenale Garcia, Denise Dal Pino, Glauco Constantino Perez, José Paulo Jacob, Mariana Alves Pereira Cristante, Meliam Viganó Gaspar e Renan Pezzi Rasteiro, e ao apoio da área administrativa e financeira do MAE/USP, especialmente a Fábio Batista dos Santos e Silvana Viana Cruz de Macedo.

Marisa Coutinho Afonso

Fabíola Andréa Silva

Sumário de Palestrantes

Fabíola Andréa Silva - 07

Juliana Salles Machado - 08

Juracilda Veiga - 09

Kimiye Tommasino - 11

Lúcio Tadeu Mota - 12

Marcus Vinícius Beber - 14

Marisa Coutinho Afonso - 16

Rafael Corteletti - 17

Robson Rodrigues - 19

Sergio Baptista da Silva - 20

Silvia Moehlecke Copé - 21

Sumário de Comunicações

Alexandro Machado Namem - 23

Ana Maria da Silva Gomes de Oliveira Lucio de Sousa - 24

André Felipe Alves - 25

Claudia Inês Parellada - 26

Diego Barrocá - 27

Eduardo Pereira Matheus - 28

Fernando Ozorio de Almeida - 29

Flávio Rizzi Calippo - 30

Gabriel Loschiavo Cerdeira - 31

Gilberto Guitte Gardiman - 32

Glauco Constantino Perez - 33

Igor Morais Mariano Rodrigues - 34

Juçara Pereira da Silva - 35

Juliana Aparecida Rocha Luz - 36

Leonardo Waisman de Azevedo - 37

Neide Barrocá Faccio - 38

Paula Cabral de Lima - 39

Raul Viana Novasco - 40

Renan Pezzi Rasteiro - 41

Sidnei Wolf - 42

RESUMOS DAS PALESTRAS

História Indígena e Arqueologia: uma reflexão a partir dos estudos sobre os povos Jê meridionais

Fabíola Andréa Silva
Museu de Arqueologia e Etnologia - USP

Nas últimas décadas, vários arqueólogos têm se dedicado à pesquisa sobre a trajetória cultural dos povos Jê no Brasil meridional. Trata-se de um conjunto de investigações bastante diversificadas do ponto de vista teórico-metodológico e interpretativo. Neste trabalho pretendo fazer um breve relato sobre uma destas propostas de pesquisa que foi conduzida, nos anos de 1990, pelo Grupo de Trabalho “Estudos interdisciplinares sobre os Jê do sul”. A partir disso, pretendo refletir sobre a importância da arqueologia para a compreensão da história indígena, especialmente, neste novo contexto de estudos arqueológicos sobre a diversidade das experiências indígenas frente ao colonialismo e à expansão capitalista nas Américas.

Uma arqueologia Xokleng/Laklãnõ: diálogos entre saberes indígenas e ciência

Juliana Salles Machado
Pos-Doc FAPESP, MAE/USP

Há 100 anos do primeiro aldeamento forçado dos Xokleng/ Laklãnõ do estado de Santa Catarina vemos um momento de intensa movimentação social e política entre esta população indígena. Empenhados em um projeto de fortalecimento de sua identidade étnica, os Xokleng/Laklãnõ tem buscado na história, no passado e na memória um caminho para o seu futuro. Desde pelo menos a década de 1970, esta população indígena tem participado na produção de conhecimento científico como interlocutores em diversas pesquisas. Sua memória é tecida a partir de fios da história oral juntamente com discursos acadêmicos oriundos de diversas disciplinas ao longo desta trajetória de contato. Hoje inseridos no âmbito acadêmico eles vem construindo um projeto cultural para o seu povo baseado em um complexo emaranhado de saberes e conhecimentos que extrapolam as divisas entre local-global,êmico-ético, saber nativo - conhecimento científico. Neste trabalho pretendo refletir sobre nossas próprias construções e práticas na pesquisa arqueológica a partir dos trabalhos feitos por acadêmicos indígenas sobre o eixo do passado-presente.

Contribuição do conhecimento etnográfico dos Jê Meridionais à Arqueologia

Juracilda Veiga
Fundação Nacional do Índio - FUNAI

Os Jê Meridionais, Kaingang e Xokleng, talvez representem uma das raras possibilidades de se verificar a transformação política e social de grupos humanos das Américas nos últimos dois milênios através do estudo de estruturas arquitetônicas que envolvem movimentação de terra para construir habitações, espaços rituais e monumentos funerários.

O conhecimento etnográfico sobre os rituais relacionados aos mortos realizados pelos Kaingang e Xokleng até o final do século XX pode nos permitir obter as chaves para a análise de achados arqueológicos como os chamados danceiros e estruturas subterrâneas.

O trabalho a que me proponho é refletir sobre a ocupação do espaço por essas populações, analisando seus deslocamentos e o uso do seu território a partir de suas aldeias permanentes, com suas roças e cemitérios, para onde retornavam periodicamente; os seus deslocamentos a sítios de interesse econômico, onde estabeleciam ocupações provisórias ou acampamentos; a constituição e ocupação de espaços rituais pelos diferentes grupos envolvidos; e as crenças relacionadas às ações desenvolvidas no ritual.

A etnografia revela que Kaingang e Xokleng conformam um complexo cultural, de forma semelhante, por exemplo, ao

que a crônica seiscentista mostra acerca dos Tupinambás e Tupiniquins e seus rituais relacionados à guerra. A guerra entre si, como inimigos preferenciais, é um dos elementos que compõem o complexo cultural Jê Meridional (cf. Veiga 2007). Em contrapartida, grupos Kaingang e Xokleng também se fundiam, em determinados contextos, por compartilharem concepções semelhantes sobre aliança, casamento e descendência. Além disso, compartilhavam crenças relativas à morte e aos mortos, que se estendem às mesmas práticas rituais, com o mesmo tipo de bebidas fermentadas (empregando até o mesmo nome para a bebida de hidromel, o kiki) e elementos de cultura material idênticos ou muito assemelhados (tanto nas práticas rituais, quanto no cotidiano, como no caso dos kur, com tecido de fibras vegetais). Por outro lado, a documentação etnográfica registra práticas distintas com respeito à iniciação dos jovens (perfuração e uso de batoque labial só ocorria entre os Xokleng) e aos enterramentos (até onde se sabe, cremação também foi uma prática exclusiva Xokleng), o que sugere desenvolvimentos também independentes, possivelmente advindos de contato e alianças culturais distintas.

A existência de grandes monumentos funerários, que se conhece como prática dos Kaingang até o começo do século XX, sugere a hipótese da constituição de uma sociedade hierárquica. Nesse aspecto, a leitura da documentação etnográfica que validaria ou não tal hipótese é mais difícil, devido ao uso comum de se projetar, nas sociedades indígenas, as práticas e valores da sociedade ocidental de onde provém o observador. O presente estudo mostra que uma leitura crítica e uma sistematização das fontes etnográficas, nesse aspecto, ainda precisa ser realizada.

Reflexões sobre a dinâmica das territorialidades kaingang: a necessidade de abordagens inter e/ou transdisciplinares

Kimiye Tommasino
Departamento de Ciências Sociais
da Universidade Estadual de
Londrina/PR

Nas últimas décadas tem-se verificado que a realidade vivida pelos Kaingang tem se complexificado em todos os sentidos. Dar conta dessa complexidade tem nos desafiado tanto teórica quanto metodologicamente. Tomando como ponto de apoio a territorialidade kaingang, pretendo mostrar que, para analisar o momento atual do processo histórico kaingang, é necessário romper com as barreiras disciplinares e adotar um olhar que nos permita explicar tanto os processos mais sociológicos, isto é, mais amplos, dentro de uma visão macro - onde os índios possam ser analisados no interior da sociedade nacional, - quanto mais antropológicos, isto é, numa análise mais interna, abordando a sua especificidade sociocultural. Somente abordagens inter ou transdisciplinares poderão explicar os diferentes níveis desse momento histórico vivido pelos Kaingang na atualidade. Por outro lado, é preciso romper as fronteiras geográficas, tal como fizeram os índios em sua história do contato, ampliando o nosso olhar para as relações multiétnicas desde os primeiros contatos e, para isso, as unidades de análise devem, necessariamente, ser compostas por esses conjuntos socioculturais diversos e interativos.

A espacialização da presença dos Jê Meridionais nos estados de São Paulo e Paraná

Lúcio Tadeu Mota
Universidade Estadual de Maringá - LAEE/UEM e
pós-doutorado MAE-USP

A presença de populações de filiação linguística Jê (Kaingang e Xokleng) no Sul do Brasil tem sido objeto de reflexão de muitos pesquisadores de diversas áreas de conhecimento. A produção científica sobre elas que remonta ao final do século XIX, teve continuidade por todo o século XX e ampliou-se neste início do século XXI. Verificam-se inúmeros trabalhos científicos sendo produzidos nas diversas áreas de conhecimento tendo como objeto as populações Kaingang e Xokleng, e estudos com complexidades diversas, que envolvem a antropologia, a história, a arqueologia, a linguística, e outras áreas de conhecimento.

Esses estudos vinculam os Kaingang e Xokleng aos Jê do Brasil Central. Apesar dessas vinculações e das permanências de traços culturais, entendemos que os Jês do Sul (Kaingang e os Xokleng) não vieram “*prontos*” do Brasil Central e difundiram aqui no sul suas “*essencialidades*”. Histórica e antropologicamente entendemos que os grupos étnicos não são entidades fechadas, não estão isolados por fronteiras rígidas sem interação com seus vizinhos, e suas etnicidades não são dadas previamente.

Para compreensão desse processo histórico de formação interrelacional dos Kaingang e Xokleng entre si e com seus vizinhos, propõe-se utilizar da Etnohistória enquanto um método interdisciplinar, por entender que ele conjuga dados e procedimento de várias disciplinas: história, antropologia, arqueologia, linguística, geografia, ecologia, e outras, na construção de explicações sobre o passado de populações ágrafas. A metodologia da etnohistória propõe valorizar as tradições orais; os dados da cultura material e linguísticos, assim como os etno-conhecimentos, numa análise integrada.

Assim nosso propósito aqui é realizar uma reflexão sobre: os sítios arqueológicos correlacionados aos Jê do Sul, existentes em São Paulo e Paraná, cadastrados no IPHAN, registrados nos Relatórios de Pesquisa e publicados na bibliografia arqueológica; ordenar os marcadores da cultura material dos Jê do Sul como os cerâmicos, líticos, armadilhas de pesca (Pari), casas semi-subterrâneas, enterramentos, praças cerimoniais e áreas entaipadas; produzir mapas com a espacialização de ocorrência desses marcadores nas duas margens dos rios Paranapanema/ Itararé e Itapirapuã/Ribeira; construir nessa espacialização os possíveis corredores de migração dessas populações por São Paulo e Paraná.

**Arqueologia e Complexidade das Populações Jê
do Sul do Brasil
O Caso de São José do Cerrito - Santa Catarina - Brasil**

Marcus Vinícius Beber
Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS,
Pesquisador do Instituto Anchieta de Pesquisas

O Município de São José do Cerrito está localizado no Planalto do Estado de Santa Catarina, na porção Sul do Brasil, possui um importante, vasto e significativo patrimônio arqueológico, composto por sítios associados a populações Jê, representados por estruturas subterrâneas, montículos, estruturas anelares e aterros-plataforma.

Os trabalhos na região foram iniciados em 1974 quando Maria José Reis realizou o primeiro levantamento na área, produzindo um importante documento (Reis [1980] 2007). A partir desses resultados, a equipe do IAP/UNISINOS retomou os trabalhos buscando identificar e localizar novamente os sítios descritos naquela ocasião e avaliar seu estado de conservação.

Os trabalhos desenvolvidos trouxeram uma grande quantidade de novos dados, propuseram novas questões e aprofundaram pontos importantes da pesquisa sobre as Populações Jê do Sul do Brasil. Boa parte destes resultados já estão disponíveis em diversos artigos especialmente, Schmitz & Rogge 2011, Schmitz & Rogge 2012, Schmitz, Arnt, Beber, Rosa e Farias 2010.

Foi possível identificar os sítios visitados pela autora nos anos 1970, atualizando sua situação com o georeferenciamento de sua localização, avaliação de suas dimensões, número de estruturas em cada sítio, vetores e agentes de degradação.

A densidade dos sítios, sua temporalidade e suas características construtivas permitem considerações sobre modelos de ocupação e estratégias adaptativas das populações Jê no Sul do Brasil.

Nesse sentido, a relação entre o desenvolvimento da mata com araucária e os assentamentos humanos permite considerações a respeito de processos de complexificação social, especialmente porque, a utilização do pinhão não deve ser visto com sua utilização restrita como recurso alimentar mas pela sua centralidade na cadeia alimentar da Mata com Araucária, servindo de alimento para toda a cadeia trófica, implicando assim em um importante incremento dos recursos de caça.

Assim, nossa proposta é discutir a importância do pinhão como elemento central das matas do Planalto Sul-brasileiro, engendrando estratégias de ocupação humana da área que garantissem sua disponibilidade, a tal ponto de permitir concentrações humanas consideráveis, tanto no tempo, como no espaço, e mais do que isso, foi base para modelos de sociedade que estavam para além de grupos caçadores-coletores, sociedades que produziram grandes estruturas arqueológicas.

Arqueologia Jê no Estado de São Paulo

Marisa Coutinho Afonso

Museu de Arqueologia e Etnologia/

Universidade de São Paulo

Investigações sobre fronteiras dos grupos ceramistas no Estado de São Paulo têm sido realizadas há vários anos para se compreender melhor a ocupação dos grupos Tupi e Jê, com base na análise do conhecimento produzido por pesquisas arqueológicas mais antigas e também atuais, principalmente de projetos de arqueologia preventiva.

Um levantamento dos sítios filiados às tradições Itararé, Aratu e Uru mostra que as ocupações Jê se distribuem por todo o território paulista, de norte a sul. O entendimento destas ocupações é fundamental para se compreender as rotas de dispersão dos grupos Jê meridionais e dos Jê do Planalto Central; portanto a pesquisa arqueológica do território paulista pode contribuir para o melhor entendimento do contexto espacial e temporal dos grupos ceramistas de várias regiões brasileiras (sudeste, sul e centro-oeste). Neste trabalho, pretendo fazer uma síntese da ocupação Jê no Estado de São Paulo e discutir seus contextos arqueológicos, geográficos e cronológicos.

Projeto Paisagens Jê Meridionais: Ecologia, História e Poder numa paisagem transicional durante o Holoceno tardio

Rafael Corteletti (1),
Paulo DeBlasis (2),
Jose Iriarte (3),
Michael Fradley (3),
Frank Mayle (4),
Macarena Cardenas (4)

1. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Paraná
2. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo
3. Department of Archaeology, University of Exeter (UK)
4. Department of Geography and Environmental Science, University of Reading (UK)

O estudo do papel econômico, social e ideológico associado a chegada de monumentos funerários e a criação de paisagens sagradas construídas é um tema central na investigação sociedades formativas iniciais das Américas. Os Jê do sul do Brasil oferecem uma oportunidade excepcional para compreender a sinergia de ecologia, história e poder na criação e transformação das paisagens neste período crucial da história. No sul do Brasil, a virada do segundo milênio dC foi um período crítico marcado por transições culturais e mudanças ambientais, o que se refletiu em um aumento significativo nos locais de habitação, a chegada da arquitetura funerária/cerimonial nas terras altas, o desenvolvimento de solos antropogênicos na escarpa da Mata Atlântica, e o aparecimento de padrões funerários Jê ao longo da costa atlântica. Significativamente, estas mudanças culturais são amplamente contemporâneas

a expansão abrupta da floresta de araucária, o que levanta a possibilidade de uma causa antropogênica.

No entanto, pouca interpretação regional dos proto-Jê Meridionais foi realizada até então, principalmente por três razões: i) apesar de mais de quarenta anos de pesquisas arqueológicas na região, a natureza localizada e desconectada desses projetos resultou em uma riqueza de dados arqueológicos altamente dispersa e fragmentada. ii) embora a região Jê do sul ser ideal para a investigação das interações homem-ambiente em tempos precoloniais, tais relações têm sido até agora inexploradas devido à escassez de estudos paleoecológicos perto o suficiente de sítios arqueológicos com seqüências culturais conhecidas. iii) os Jê Meridionais constituem um dos melhores exemplos de continuidade cultural a longo prazo, ligando grupos indígenas modernos com seus ancestrais do período precolonial.

Para responder a estas questões importantes, o Projeto Paisagens Jê Meridionais: Ecologia, História e Poder numa paisagem transicional durante o Holoceno tardio foi concebido por uma equipe internacional e interdisciplinar como um programa de pesquisa, integração de fontes de dados arqueológicos, etnográficos e paleoecológicos, para investigar a criação e transformação das paisagens dos Jê Meridionais em relação ao surgimento de complexidade social. O projeto vai integrar, pela primeira vez, dados arqueológicos da vasta e ecologicamente diversa paisagem dos Jê Meridionais em um banco de dados GIS. Em determinadas regiões, vamos realizar pesquisas arqueológicas, topográficas, paleoecológicas, fitosociológicas, etnológicas e geofísicas mais intensivas, juntamente com as escavações em locais selecionados em diferentes ambientes para adquirir dados regionais, cronológicos e funcionais.

A compreensão do Território Kaingang no oeste paulista a partir da cultura material: possibilidades interpretativas na análise arqueológica

Robson Rodrigues

Fundação Araporã

Doutor em Arqueologia pelo MAE/USP e

Pós-Doutor em Antropologia pelo CEIMAM/FCL/UNESP.

O estudo da cultura material de populações indígenas contemporâneas constitui-se em um objeto privilegiado de pesquisa e aprendizado para os arqueólogos, pois permite uma compreensão da dinâmica dos processos de produção e uso dos itens materiais na construção cultural de um povo. No decorrer do processo histórico, os Kaingang, devido ao contato interétnico, diminuíram drasticamente a sua produção oleira, assim como o seu modo de ocupação e utilização do espaço e sistema de assentamento. Tendo como intenção construir modelos interpretativos sobre aspectos do comportamento e da dinâmica social pretérita e ao mesmo tempo compreender como os diferentes elementos históricos provenientes do processo de expansão capitalista provocaram alterações no modo de ser indígena, o caminho a ser percorrido na comunicação traçará um panorama do mapa da ocupação Kaingang no oeste paulista a partir de dados gerados pelas interpretações arqueológicas na análise da cultura material identificada durante as pesquisas no território deste povo.

Considerações etnográficas sobre o estatuto de “objetos” e “adornos” entre coletivos *kaingang*: implicações para a Antropologia e a Arqueologia

Sergio Baptista da Silva
Núcleo de Antropologia das Sociedades
Indígenas e Tradicionais (NIT),
Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS),
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

A partir de experiências etnográficas e da cosmo-ontologia *kaingang*, o objetivo desta palestra é o de discutir sobre seus conceitos êmicos de corpo, natureza, objeto e sujeito, refletindo sobre os estatutos cosmológicos dos analiticamente por nós chamados de “objetos inanimados”, de “adornos” e, por consequência, de “arte”, problematizando estas percepções analíticas, externas, eurorreferenciadas e disciplinares destas categorias, enfatizando os conceitos nativos. Como comentário inicial, quero dizer que os vegetais, animais, recursos minerais e, por consequência, os “objetos”, não são percebidos por este coletivo ameríndio como elementos distantes, relacionados a uma categoria separada e afastada do humano, como se poderá ver nos exemplos etnográficos que serão apresentados e discutidos. Ao longo dos itinerários percorridos no trabalho de campo, muitos elementos da flora, da fauna, do reino mineral e do domínio dos não indígenas (*fóg*), com suas propriedades imateriais agentivas, e considerados como *personae* de seu cosmo, foram vistos, observados, comentados e percebidos como imprescindíveis para compor, fabricar, fixar, curar, proteger e empoderar seus corpos e pessoas.

A construção do conhecimento arqueológico sobre a ocupação humana nas terras altas do nordeste do RS: os estudos realizados em Bom Jesus e Pinhal da Serra.

Silvia Moehlecke Copé

NuPArq/UFRGS

Ao longo dos dezoito anos de pesquisas no nordeste do Rio Grande do Sul, a equipe do Núcleo de Pesquisa Arqueológica - NuPArq/UFRGS recolheu e analisou uma vasta e variada cultura material legada pelos diversos grupos humanos que ocuparam essas terras altas nos períodos pré-colonial, colonial e moderno. Além da grande abrangência temporal, a análise em diferentes escalas espaciais - intra-sítio, inter-sítios, regional e paisagística, propiciou um amplo espectro da diversidade e complexidade do registro arqueológico.

À constatação da heterogeneidade tecnológica, morfológica e estilística dos conjuntos cerâmicos do planalto gaúcho somaram-se questões de função/funcionalidade de acordo com o tipo de sítio, residencial ou funerário, onde apareciam. A quantidade e variedade de sítios - as estruturas semissubterrâneas, os sítios lito-cerâmicos, os sítios líticos superficiais, os conjuntos de aterros anelares e montículos, as ocorrências isoladas, exigiram novos olhares sobre estes artefatos imóveis, principalmente os conjuntos de estruturas semissubterrâneas. A aplicação de uma arqueologia da arquitetura e o estudo dos sítios como artefatos forneceu uma base de dados riquíssima para discussões sobre a disponibilidade de recursos garantidos, as estratégias de subsistência (mobilidade), padrões e sistemas de assentamentos. Acrescentou-se à nomenclatura já

consolidada da arqueologia da arquitetura como p.ex. de processos construtivos, os conceitos de performance (aqui compreendido como o esforço despendido x o tempo de construção) e de complexidade (no sentido de volume de código humano gerado, seja no âmbito social, político e ideológico).

Considerando, como Rapoport (1990), que o ambiente e a cultura possuem uma relação direta e que a arquitetura é um reflexo deste contato, assim como, nesta interação o homem constrói o seu entorno, a paisagem, ampliamos nossas análises adotando a abordagem da arqueologia da paisagem. Na edificação de suas casas, percebemos que os grupos do planalto criaram uma nova realidade: a encosta do morro, o rio, o vale e a mata de araucária passaram a participar de uma dialética construtiva.

Esta comunhão produziu os sítios arqueológicos, possuídos de ideologias e diretrizes políticas, econômicas, religiosas, que nos cabe identificar e interpretar (Sondereguer, 1998). É esta construção do conhecimento arqueológico sobre a ocupação humana nas terras altas do nordeste do RS que apresentaremos neste Simpósio.

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES

Arqueologia e antropologia Laklãnõ

Alexandro Machado Namem

alexandronamem@hotmail.com

Universidade Federal de Roraima-UFRR

Este trabalho pretende contribuir para o diálogo Arqueologia Antropologia sobre o alto vale do Itajaí (SC), em especial sobre os Laklãnõ, refletindo também acerca das lacunas e continuidades na literatura; nas décadas de 1960 e 70, W. Piazza, A. Beck e A. Eble estabeleceram significativas interrogações para esta região; nos anos 1990, A. Namem revisitou principalmente este último em uma perspectiva semelhante àquela depois proposta por F. Noelli com escopo mais amplo; Juliana Machado Bueno recentemente retomou no geral aquelas interrogações; o ancião laklãnõ Alfredo Kangó Patté diz que eles descendem dos Bororo, o que seria, segundo Astolfo Araújo (comunicação pessoal, 11/09/13), se o leio corretamente, instigante e perfeitamente possível, de um ponto de vista geral sobre a dispersão dos Jê, se pensarmos em uma migração laklãnõ mais recente rumo ao sul, e não em um passado distante, em Itararé-Taquara e nas cerâmicas una e bororo.

Cultura material e significação do simbólico: rupturas e permanências através da percepção sonora.

Ana Maria da Silva Gomes de Oliveira Lucio de Sousa
ann_lucio@yahoo.com.br
PUC/SP

A relação Homem/Natureza é um dos temas mais caros à Antropologia em geral e à Arqueologia em particular, também frequentemente abordada sob outras rubricas como Natureza e Cultura e Cultura ou Biológico Cultural.

O estudo em questão retoma esta discussão de um ângulo pouco estudado, qual seja o das relações entre paisagem sonora e a dimensão simbólica da natureza ou qualidades da relação entre o Homem e o seu entorno.

Tomamos como objeto de estudo as flautas utilizadas em diferentes cerimoniais dos Bororo, para investigar e analisar o lugar que estes objetos ocupam, a partir da dimensão simbólica que os sons que emitem são capazes de criar, da comunicação que permitem estabelecer.

Desta forma, este estudo tem por objetivo contribuir, junto às possibilidades trazidas pela Arqueologia Experimental e aos preceitos que compõem a Arqueologia Histórica, no debate que se volta para a constituição de uma Arqueologia do Som.

Análise tecnológica aplicada ao estudo dos líticos lascados do sítio arqueológico Bela Vista do Jacaré, Guaíra - SP

André Felipe Alves
Neide Barrocá Faccio
alves_andre_felipe@hotmail.com
FCT/UNESP

O Sítio Arqueológico Bela Vista está situado no município de Guaíra - SP. Trata-se de um sítio lito-cerâmico com datação de 420 ± 50 AP, associado à Tradição cerâmica Aratu-Sapucai. Neste trabalho apresentamos os resultados preliminares da análise realizada com os materiais líticos lascados por meio de uma abordagem tecnológica. A análise apresenta informações que evidenciam uma indústria confeccionada sobre seixos entre outros. A matéria-prima mais recorrente na coleção foi o arenito silicificado, seguida do quartzo e do silexito. A partir da análise, foi possível observar vários elementos da cadeia operatória presentes na indústria como núcleos, lascas corticais, lascas de façonnage, instrumentos e resíduos.

Paisagens transformadas: a arqueologia de povos Jê no Paraná

Claudia Inês Parellada
parelladaclau@ig.com.br
Museu Paranaense

No estudo foram analisados sítios Itararé-Taquara no Paraná, especialmente paleo-aldeias e abrigos-sob-rocha, em relação à estrutura e à transformação da paisagem, discutindo dados geoarqueológicos e cronológicos, de 4.000 a 600 anos atrás. A disposição espacial das habitações, a construção de alinhamentos de rochas e aterros em diferentes formas e padrões, a elaboração de estruturas semi- subterrâneas para diferentes funções, permitem refletir sobre aspectos simbólicos destes povos. No alto Ribeira, houve uma concentração Jê, entre 1000 e 700 anos atrás, e a ocupação de diferentes mosaicos de paisagens, na planície litorânea ou em relevo montanhoso, com grandes desníveis altimétricos, através de um provável conhecimento empírico dos tipos de rochas e solos, além dos processos erosivos. Alguns locais foram selecionados e transformados para marcar o controle e domínio do território, e assim perpetuar uma memória mítica.

A cerâmica da Tradição Aratu Sapucaí do sítio arqueológico Água Azul

Diego Barrocá
Luzia Carolina Bezerra Salomão; Neide Barrocá Faccio
ematheus.p@hotmail.com
FCT/UNESP

O Sítio Arqueológico Água Azul está localizado no Município de Miguelópolis, SP. Do Sítio Água Azul foi analisado um total de 19 fragmentos de cerâmica. Trata-se de um sítio lito-cerâmico de pequeno porte associado a Tradição Aratu-Sapucaí, com elementos da Tradição Tupiguarani. Pode-se observar que as classes de parede equivalem a 94,73% dos fragmentos, e as classes de bordas equivalem a 5,26% do que foi coletado no Sítio Arqueológico Água Azul. Para a confecção das vasilhas, verificou-se a utilização exclusiva do antiplástico mineral. O Sítio Água Azul apresentou cerâmica lisa. Em todos os fragmentos analisados, identificou-se a técnica de manufatura de rolete, também conhecida por acordelado.

Sítio arqueológico Nova Índia: Norte do Estado de São Paulo

Eduardo Pereira Matheus
Neide Barrocá Faccio
ematheus.p@hotmail.com
FCT/UNESP

O Sítio Arqueológico Nova Índia é de ocupação pretérita, evidenciando materiais cerâmicos associados à Tradição Aratu-Sapucaí, localizado no Município de Barretos, SP, configura-se como sítio a céu aberto, em área de média vertente da bacia hidrográfica Médio Pardo/Grande. Nesse sítio foram encontrados fragmentos cerâmicos, pedras lascadas e polidas. A cerâmica apresentou o tipo liso, com incisão próxima ao lábio. Um único fragmento apresentou engobo branco. Houve a predominância do antiplástico mineral, mas, em alguns casos, notou-se a associação do antiplástico mineral ao caco moído e/ou ao cariapé. Na relação estabelecida entre o uso barbotina e o tipo de pasta, predominou a não utilização da barbotina nos três tipos de pasta: plástica, intermediária e dura.

Os ceramistas Jê em Arranha Céus do Alto Ribeira

Fernando Ozorio de Almeida
Rucirene Miguel;
Rafael Pedott;
Filippo Stampanoni;
Ricardo Monma;
Daniella Magri Amaral
fernandozorío@hotmail.com
Universidade Federal do Sergipe

Áreas de cristas de serras e vertentes de elevadas inclinações são raramente tidas como possuidoras de alto potencial arqueológico. Entretanto, na bacia do alto rio Ribeira, na fronteira que divide os Estados do Paraná e São Paulo, é possível encontrar uma série de ocupações pré-coloniais de grupos produtores de cerâmica vinculada à Tradição Itararé, assim como áreas de oficina lítica ligadas a esses assentamentos de pequena dimensão. O objetivo desse trabalho é apresentar a interpretação de aspectos espaciais intra e inter-sítios dessas ocupações localizadas em locais de relevo acidentado, com base nos elementos materiais encontrados em dois sítios recentemente escavados na região.

Arqueologia dos Povos Jê no Piauí: hipóteses a respeito da dinâmica entre interior e litoral

Flávio Rizzi Calippo
calippofr@uol.com.br
Universidade Federal do Piauí

Os mapas etno-históricos que retratam a ocupação indígena no Piauí (NIMUENDAJÚ, 1981 [1944]; MACHADO, 2011) apontam que as porções sul do estado e da calha do Rio Paranaíba (principal ligação com o litoral) era amplamente ocupada por povos Jê. A recente descoberta, no litoral, de vestígios cerâmicos não associados à ocupação Tupi, em sítios cujas datações remontam até 3.000 anos AP; a atual presença dos Tremembé no litoral (registrada desde o período do contato como tapuios – ou seja, não Tupis); e a presença de vestígios líticos cujos afloramentos são encontrados somente ao longo do médio Paranaíba pode indicar uma possível correlação entre os sítios conchíferos do litoral e os povos Jê do interior. O objetivo deste trabalho é apresentar e discutir tal hipótese, a qual poderá fundamentar o desenvolvimento de uma Arqueologia do litoral do Piauí a partir de uma perspectiva de longa duração baseada na história indígena.

O estudo dos sítios arqueológicos Turvo V-A e Turvo V-B

Gabriel Loschiavo Cerdeira
Neide Barrocá Faccio
gacerdeira@hotmail.com
FCT-UNESP

Este trabalho apresenta uma análise dos sítios Arqueológicos Turvo V-A e Turvo V-B, localizados na bacia hidrográfica dos Rios Grande/ Turvo, no norte do estado de São Paulo. O objetivo do trabalho foi pesquisar e buscar entender como os povos indígenas, que produziram a cerâmica denominada Tradição Aratu-Sapucaí, se relacionavam com a natureza, com base nos pressupostos do estudo da arqueologia da paisagem.

A morfologia dos vasos Gê na produção de cauim de milho em Vereda III: uma proposição

Gilberto Guitte Gardiman*

Igor Morais Mariano Rodrigues**

Leandro Matthews Cascon***

Andrei Isnardis*

gttman@uol.com.br

*Universidade Federal de Minas Gerais

** IPHAN, MG

***MAE/USP

A análise paleoetnobotânica a partir da identificação dos grânulos de amido presentes em 12 vasos cerâmicos e 1 artefato lítico exumados em Vereda III, MG, revelou num primeiro momento a onipresença do milho. Marcas de uso associadas à fermentação em alguns deles (Rodrigues, 2011) direcionaram a pesquisa para a elucidação de aspectos relativos à produção do cauim. A partir de relatos históricos, etnografias e dados teóricos e experimentais sobre a participação de microrganismos e enzimas no processo de fermentação, foram realizados alguns experimentos destinados à compreensão de aspectos da tafonomia do grânulo de amido durante as etapas do processo, alguns já relatados. Como resultado, é oferecida uma proposição para a morfologia dos vasos Gê utilizados na elaboração do cauim de milho.

Arqueologia Paulista: primeiros apontamentos

Glauco Constantino Perez*

Marisa Coutinho Afonso*;

Lúcio Tadeu Mota**

glauco1113@usp.br

*Museu de Arqueologia e Etnologia MAE/USP

**UEM

Este trabalho pretende apresentar os primeiros apontamentos da pesquisa que se encontra em andamento a respeito das fronteiras étnicas entre os primeiros ocupantes do atual estado de São Paulo. Busca-se apresentar e discutir a metodologia utilizada no trabalho. Este está vinculado a um projeto de doutoramento intitulado: “Arqueologia Paulista e o marcador cerâmico como delimitador de fronteira étnica: um estudo da região sul do estado de São Paulo”. O que se pretende é realizar um levantamento bibliográfico denso o suficiente para que, a partir dele, mapas possam ser construídos e então identificarmos fronteiras étnicas entre as bacias do Rio Tietê e o Rio Paranapanema, como fronteiras norte e sul, respectivamente. Dessa maneira busca-se entender os processos de ocupação do estado por populações ceramistas.

**Fora das grandes aldeias:
o sítio Vereda III e suas informações complementares
sobre sistemas de ocupação de grupos portadores de
cerâmica associada à tradição Aratu-Sapucai**

Igor Morais Mariano Rodrigues*
Gilberto Guitte Gardiman**
igor_mmrodrigues@hotmail.com
*IPHAN-MG
**UFMG

Situado em meio a um maciço calcário, num local escondido na paisagem, ladeado de paredões e abrigos, o Sítio Vereda III (Região de Lagoa Santa/MG) é fruto de uma pretérita ocupação, até então, inusitada para os dados bibliográficos disponíveis sobre grupos cuja cerâmica é atribuída à Tradição Aratu-Sapucai.

O lugar apresentou um contexto arqueológico praticamente intacto, aqui interpretado como um refugio de fato de produção e consumo de objetos e alimentos que, com grandes chances, estavam relacionados a um ou mais momentos de festim. Uma vez que a tradição ceramista em questão é consagradamente, na Arqueologia Brasileira, atribuída a grupos indígenas falantes do Tronco Linguístico Macro-Jê, este trabalho pretende, a partir de um detalhado estudo de caso, discutir a ocupação de espaços distintos aos conhecidos sítios a céu aberto, de modo a pensar a ocupação desses dois tipos de assentamentos como complementares entre si.

Arqueologia do norte do estado de São Paulo: o sítio arqueológico Turvo VB

Juçara Pereira da Silva
Neide Barrocá Faccio
Douglas Henrique Vieira
jucaraps@gmail.com
FCT/UNESP

O Sítio Arqueológico Turvo V-B está localizado próximo ao Córrego do Anil, no Município de Pontes Gestal, na área da Bacia Hidrográfica dos Rios Turvo/Grande, em meio a abundantes fontes de matérias-primas. A cerâmica desse sítio está associada ao cenário de ocupação dos povos Jê do Norte de São Paulo, filiados ao Sistema Regional de Ocupação Aratu-Sapucaí. Foram analisadas 32.399 peças. Observou-se o predomínio do tipo liso em 99% dos casos e do antiplástico mineral. A ausência de manchas pretas no solo não permitiu localizar as casas ou o seu tamanho.

Sítio arqueológico Água Azul: norte do estado de São Paulo

Juliana Aparecida Rocha Luz
Danilo Alexandre Galhardo; Neide Barrocá Faccio
juliluzz@yahoo.com.br
FCT/UNESP

Apresentam-se, nesse estudo, os resultados da análise da paisagem da área do Sítio Arqueológico Água Azul, localizado no Município de Miguelópolis, SP. Trata-se de um sítio lito-cerâmico. Realizou-se um estudo desse contexto geográfico pelo viés da Arqueologia da Paisagem. Os elementos da paisagem e da cultura material foram investigados com objetivo de compreender questões relevantes sobre o padrão de assentamento regional. A análise da paisagem indicou que o sítio encontra-se localizado em média vertente de colina aplainada, em área a céu aberto. Essa área é considerada favorável à ocupação humana, haja vista estar localizada próximo ao Rio Grande que, além de fornecer água, contém matéria-prima, como a argila para a produção da cerâmica e seixos em cascalheiras para a produção de instrumentos de pedra lascada. Os vestígios materiais apresentaram características da Tradição Aratu-Sapucai com elementos da Tradição Tupiguarani.

Estudo de fogueiras e antracologia em contexto Proto-Jê do Sul

Leonardo Waisman de Azevedo
Rita Scheel-Ybert
leonardo_wa@yahoo.com.br
Museu Nacional, UFRJ

O estudo de quatro fogueiras Proto-Jê do Sul, em sítios escavados em Pinhal da Serra/RS (duas estruturas semi-subterrâneas, um sítio lito-cerâmico e um aterro anelar), permitiu a compreensão de questões relacionadas à tecnologia de fogueiras e à economia de combustíveis domésticos e rituais destes grupos. Fez-se isso a partir de uma descrição qualitativa das fogueiras e da análise antracológica do carvão coletado em cada sítio. As características das fogueiras demonstraram a existência de elementos estruturais que operavam sobre a queima, sugerindo um conhecimento apurado sobre o processo de combustão e seus determinantes. A análise antracológica, por sua vez, permitiu a classificação dos tipos de lenha queimada quanto à taxonomia e seu estado, bem como a inferência de alguns elementos da vegetação das áreas de captação de recursos para queima.

Sítio arqueológico Jê no noroeste do estado de São Paulo: o sítio Kandiri

Neide Barrocá Faccio
Diego Barrocá
nfaccio@terra.com.br
FCT/UNESP

O Sítio Arqueológico Kandiri possui ocupação indígena associada à Tradição Itararé, configurando-se como um sítio a céu aberto. Localizado no Município de Pacaembu, SP, está em área de planície, situada a menos de 100 metros do Ribeirão Iracema, pertencente à Bacia Hidrográfica do Rio do Peixe, nas coordenadas de Oeste igual a 475.341 metros e de Norte igual a 7.678.735 metros. O sítio apresentou cerâmica fragmentada do tipo liso e um fragmento de lâmina de machado semilunar. Os sítios arqueológicos da Tradição Itararé são pouco conhecidos na Região Noroeste do Estado de São Paulo, mas os relatos etno-históricos evidenciando a presença de índios Kaingang (do tronco linguístico jê, associado a Tradição Itararé) nessa região são abundantes.

A tradição Aratu-Sapucai no norte/noroeste do estado de São Paulo: sítio arqueológico Bela Vista do Jacaré

Paula Cabral de Lima
Neide Barrocá Faccio
paulacabral.l@hotmail.com
FCT/UNESP

O Sítio Arqueológico Bela Vista do Jacaré localiza-se no Município de Guaíra/SP. O material cerâmico deste sítio foi estudado no Laboratório de Arqueologia Guarani da Unesp de Presidente Prudente. A cerâmica foi associada à Tradição cerâmica Aratu- Sapucaí.

O sítio foi encontrado a céu aberto em área com cultivo de cana-de-açúcar e localiza-se nas proximidades dos Rios Grande e Pardo. Em seu entorno, nota-se a existência de cursos d'água, fontes de argila e cascalheira apta ao lascamento. Esses geoindicadores são avaliados no trabalho. O sítio apresentou material cerâmico fragmentado, lítico polido e lascado. A análise da cerâmica da área do Sítio Bela Vista do Jacaré, objeto deste estudo, auxilia na compreensão Sistema Regional de Ocupação Indígena do Norte do Estado de São Paulo.

Arqueologia e paisagem: uma análise sobre o sítio arqueológico Rincão dos Albinos, Planalto de Santa Catarina

Raul Viana Novasco
Pedro Ignácio Schmitz
raulnovasco@gmail.com
IAP - Unisinos

Nos últimos 6 anos pesquisas arqueológicas vem sendo desenvolvidas no planalto catarinense, mais precisamente no município de São José do Cerrito, a fim de compreender o processo de ocupação empreendido pelos grupos Jê no planalto meridional brasileiro. Para tal, alguns sítios arqueológicos situados neste município estão sendo estudados, entre eles, o sítio Rincão dos Albinos, que é composto por mais de 100 casas subterrâneas, dispostas sobre uma área de 60.000 m², e apresenta um panorama cronológico que vai de 1.400 até 1.000 A.P., ou seja, é o início do processo de ocupação empreendido pelos grupos Jê nessa região. Dessa forma, acreditamos que neste sítio podem ser verificadas as estratégias de assentamento mais “primitivas” desenvolvidas pelos construtores de casas subterrâneas.

Arqueologia Jê no sertão paulista: a ocupação Cayapó meridional na bacia do Rio Grande-SP

Renan Pezzi Rasteiro
rpezzir@gmail.com
Museu de Arqueologia e Etnologia - MAE/USP

O objetivo desta comunicação é apresentar alguns dados acerca da arqueologia e etnohistória da região norte do estado de São Paulo. A pesquisa se concentra no contexto da bacia do Rio Grande tendo como foco os grupos indígenas Jê, denominados nos relatos da área como Cayapó Meridionais.

Entre os séculos XVII e XIX, cronistas, naturalistas, viajantes e exploradores que percorreram a área produziram uma rica documentação que em conjunto com os dados arqueológicos fornecem subsídios que contribuem para o debate da inserção dos indígenas na formação da história regional.

Através do levantamento e a da sistematização destas informações busca-se elaborar um mapa da distribuição desses povos que permita uma melhor compreensão sobre a ocupação Jê no Brasil, colaborando assim, com as futuras pesquisas arqueológicas na área.

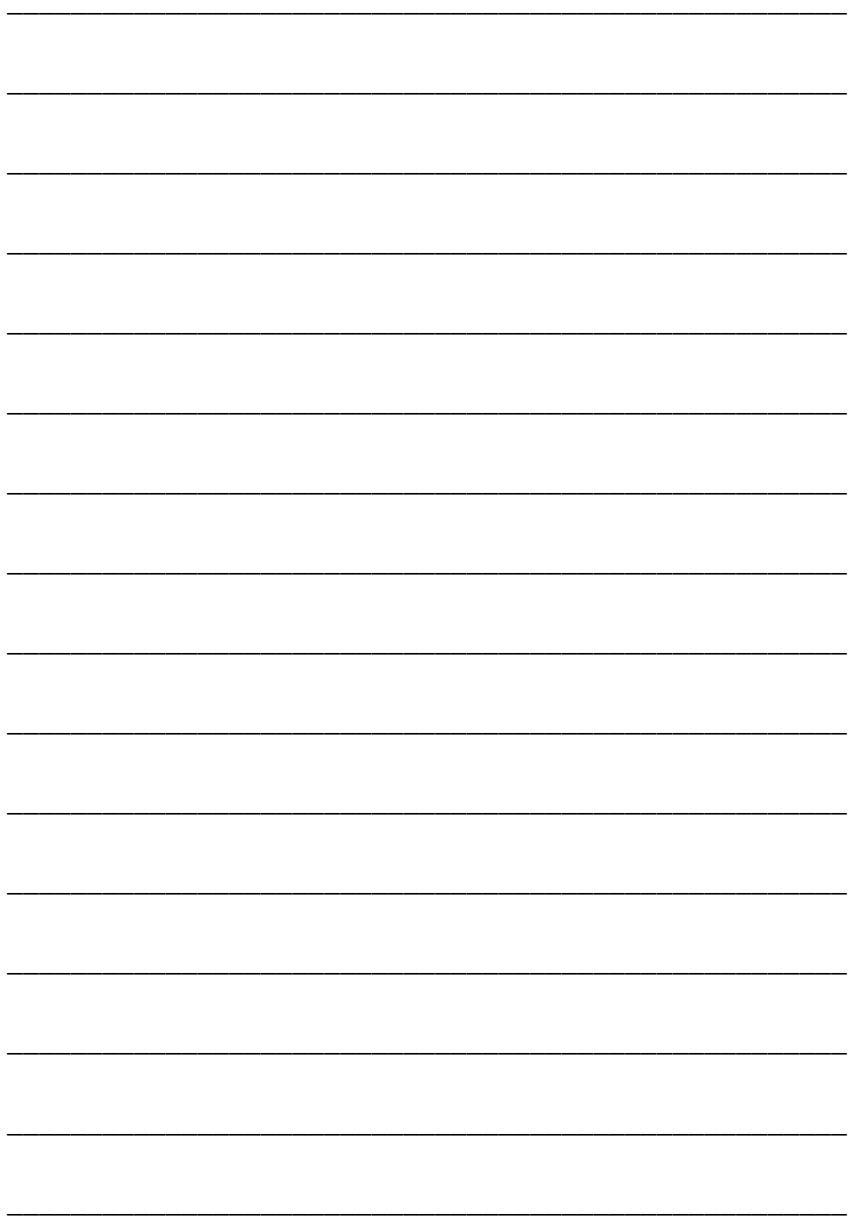
Resultados prévios acerca da presença pré-colonial Jê na bacia hidrográfica do Rio Forqueta/RS

Sidnei Wolf
Neli Teresinha Galarce Machado; Natália Devitte
sidneiwolf@universo.univates.br
Centro Universitário Univates

O Rio Grande do Sul possui um amplo histórico de pesquisas sobre a ocupação pré-colonial e colonial de populações Jê. Ao passo em que existem regiões arqueologicamente reconhecidas, outras carecem de estudos sistemáticos. Aliado a este desconhecimento, discussões em torno da mobilidade, práticas agrícolas, organização social e expansão territorial tem se intensificado nos últimos anos.

Com o objetivo de responder a alguns destes questionamentos a equipe do Setor de Arqueologia da Univates retomou, a partir de 2012, as pesquisas em sítios arqueológicos associados a populações Jê na Bacia Hidrográfica do Rio Forqueta/RS.

Os resultados preliminares indicam a existência de sítios com estruturas subterrâneas construídas e sítios líticos a céu aberto com cronologias que remontam ao século IX da Era Cristã.



Universidade de São Paulo
Reitor Marco Antonio Zago Vice-Reitor Vahan Agopyan

Museu de Arqueologia e Etnologia

Diretora

Maria Cristina Oliveira Bruno

Vice-Diretor

Paulo DeBlasis

Comissão Organizadora

coordenação Marisa Coutinho Afonso / Fabíola Andréa Silva

Dária Elânia Fernandes Barreto

Davi Comenale Garcia

Denise Dal Pino

Glauco Constantino Perez

José Paulo Jacob

Mariana Alves Pereira Cristante

Meliam Viganó Gaspar

Renan Pezzi Rasteiro